

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA

GUILHERME VASCONCELOS TORRES

**PSICOLOGIA E DIÁLOGO INTERCULTURAL: A MÚSICA NAS NARRATIVAS
DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS**

MANAUS
2023

GUILHERME VASCONCELOS TORRES

**PSICOLOGIA E DIÁLOGO INTERCULTURAL: A MÚSICA NAS NARRATIVAS
DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Cláudia Regina Brandão Sampaio

MANAUS
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T693p Torres, Guilherme Vasconcelos
Psicologia e diálogo intercultural: a música nas narrativas de
jovens universitários indígenas / Guilherme Vasconcelos Torres .
2023
44 f.: 31 cm.

Orientador: Cláudia Regina Brandão Sampaio
TCC de Graduação (Psicologia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Música. 2. Universitários indígenas. 3. Psicologia histórico-
cultural. 4. Entrevista narrativa. I. Sampaio, Cláudia Regina
Brandão. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

GUILHERME VASCONCELOS TORRES

**PSICOLOGIA E DIÁLOGO INTERCULTURAL: A MÚSICA NAS NARRATIVAS
DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS INDÍGENAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Aprovado em 20 de Junho de 2023

Banca Examinadora

Prof^ª Dr^ª Cláudia Regina Brandão Sampaio, presidente
Faculdade de Psicologia
Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª Dr^ª Socorro de Fátima Moraes Nina, membro externo
Escola Superior de Ciências da Saúde
Universidade do Estado do Amazonas

Psicóloga Geana Batista Luciano, membro interno
Faculdade de Psicologia
Universidade Federal do Amazonas

Psicóloga Ane Caroline Coutinho Nunes, membro externo
Instituto Leônidas e Maria Deolane – ILM D Fiocruz Amazônia

Dedico esta monografia à minha mãe, cujas batalhas ao longo da vida possibilitaram que eu chegasse até aqui, e à Dona Flor, que em vida me amou como se eu fosse seu neto e estará para sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Ana, que sempre me apoiou em todas as escolhas que fiz. Sem seus muitos esforços eu tenho a certeza de que não estaria a escrever esta monografia.

Ao meu pai Edson, que sempre me estimulou a questionar tudo e que, assim, eu pudesse aprender e buscar transformar meu contexto a partir disto.

Aos meus irmãos Leonardo, Matheus e Davi, por estarem presentes até mesmo quando distantes e pelos conselhos.

À minha namorada Michaela, que esteve o tempo todo ao meu lado durante o período de realização desta pesquisa e que me deu forças para que a continuasse.

Ao meu sobrinho e afilhado Lucca, que nos últimos meses turbulentos foi luz, felicidade e calma.

À minha orientadora Cláudia Regina Brandão Sampaio, que tornou a música e o canto mais presentes na minha formação em psicologia, abraçou a ideia desta pesquisa comigo e é, para mim, uma grande referência de profissional e pessoa.

À Professora Socorro de Fátima Moraes Nina, que foi minha supervisora no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador e sempre me fez refletir criticamente sobre minha atuação em psicologia.

Ao professor Ewerton Helder Bentes de Castro, que me acompanhou nos meus primeiros passos na graduação, como orientador em projetos de extensão e em iniciação científica, e continuou acompanhando durante toda a caminhada no curso.

À professora Gisele Cristina Resende, que me acolheu nos últimos meses em estágio supervisionado e cuja dedicação faz com que eu acredite cada vez mais no potencial de transformação da psicologia.

Aos meus amigos Pedro, Letícia, Fredgaard, Alexia e Carla, que foram presentes para a vida que a UFAM me deu e que tornaram a trajetória na graduação mais leve e divertida.

Aos meus professores na Universidade do Porto, que possibilitaram com que eu pudesse compreender outras perspectivas de atuação em psicologia e nas artes.

Aos meus amigos do Porto, que nos meses anteriores ao início desta pesquisa foram o caminho para que eu pudesse ressignificar o medo do novo e transformá-lo em possibilidades.

Ao Baíra e Yawarete por compartilharem suas histórias de vida e suas vivências musicais. Sem eles esta pesquisa não seria possível.

À Banca Examinadora, composta por Geana Batista Luciano e Socorro de Fátima Moraes Nina, por aceitarem participar desse momento de construção.

RESUMO

Atemporal, a música está presente no nosso dia-a-dia desde os primórdios de nossa existência, permeando nossas relações intersubjetivas e crenças. A ela atribuem-se diferentes sentidos e significados, que estão intimamente ligados a processos de subjetivação, de autocuidado e formação identitária. Atravessando fronteiras e culturas, ela também faz parte de diferentes práticas indígenas importantes para a preservação cultural e fortalecimento comunitário. Portanto, o objetivo desta pesquisa foi compreender os sentidos atribuídos à música em suas trajetórias de vida por jovens universitários indígenas que residem na cidade Manaus. Foram realizadas entrevistas narrativas com dois participantes, da etnia Tikuna e da etnia Baniwa, e elaboraram-se categorias de análise, que foram compreendidas à luz da psicologia histórico-cultural. As categorias de análise foram: uma forma de lembrar; eu quero me encontrar no indígena; interculturalidade; instrumentos musicais; música como sentido para viver; e as músicas eram para fortalecer. A música em suas trajetórias de vida teve um papel importante na formação identitária, no pertencimento e na conexão com as suas culturas, além de trazer memórias afetivas de familiares e amigos. Por fim, recomenda-se que mais pesquisas sejam realizadas buscando compreender a dimensão da música na vida de jovens universitários indígenas, especialmente na superação de adversidades, na promoção do bem-viver e nas lutas políticas.

Palavras-chave: Música; Universitários Indígenas; Psicologia Histórico-cultural; Entrevista Narrativa.

ABSTRACT

Timeless, music has been present in our everyday life since the beginning of our existence, surrounding our intersubjective relationships and beliefs. Different senses and meanings are attributed to it, which are closely linked to processes of subjectivation, self-care, and identity formation. Crossing borders and cultures, it is also involved in various indigenous practices that are important for cultural preservation and community empowerment. Therefore, the objective of this research was to comprehend the senses attributed to music in the life paths of young indigenous university students living in the city of Manaus. Narrative interviews were conducted with two participants, one from the Tikuna ethnicity and another from the Baniwa ethnicity, and analysis categories were developed, which were comprehended by cultural-historical psychology. The analysis categories were: a way of remembering; I want to find myself in the indigenous; interculturality; musical instruments; music as meaning for living; and the music were for strengthening. Music in their life paths played an important role in identity formation, in a sense of belonging and in the connection with their cultures, and also evoked emotional memories of family and friends. Lastly, it is recommended that further research be conducted to comprehend the dimension of music in the lives of young indigenous university students, particularly in terms of overcoming adversities, promoting well-living, and in political struggles.

Keywords: Music; Indigenous University Students; Cultural-historical Psychology; Narrative Interview.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivos.....	13
1.2 Justificativa	13
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS.....	15
3. MÉTODO	18
3.1 Tipo de Pesquisa	18
3.2 Os participantes	18
3.3 O instrumento	18
3.4 Análise das entrevistas	19
3.5 Procedimentos éticos	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
APÊNDICE A	36
ANEXO A.....	39

1. INTRODUÇÃO

Há séculos busca-se teorizar e conceituar a arte. Perpassando por Bellori (2001, p. 96-101) e Diderot (2001, p. 581-587) até os teóricos modernos, ela é inserida dentro de caixinhas que nunca a definem por completo. Dewey (2010, p. 466-467) simplifica e a define como “a mais universal e mais livre das formas de comunicação” pelo fato de “ser composta (...) pelas qualidades comuns do mundo público”, enquanto Zanella (2020, p. 29) traz que “obra de arte é, por conseguinte, potência a provocar um outro a com ela dialogar e a ela responder de algum modo”, algo que Vygotsky (1998, p. 318) também frisa ao afirmar que “a arte exige resposta, motiva certos atos e atitudes”.

Dentre as variadas formas de expressão artística, uma das que nos chama mais atenção é a música. Desde os primórdios da humanidade, ela está presente no nosso dia-a-dia, permeando nossas relações intersubjetivas e crenças. Muito mais do que notas em uma partitura, ela é atemporal e influencia em como nos sentimos e pensamos. Ela pode nos distrair das dificuldades da vida, mas vai além de um adorno no nosso cotidiano. Com sua onipresença e facilidade de acesso, ela permeia nosso viver evocando emoções, produzindo efeitos neurológicos positivos, afetando nosso comportamento e nos orientando em nossas vidas.

Esta forma de expressão artística rompe barreiras geográficas, de idioma e de idade, desvelando-se como uma possibilidade de conexão intercultural, que nos possibilita compreender o outro e a si mesmo diante das suas diferentes nuances e se apresenta como uma “linguagem reflexivoafetiva, já que envolve um tipo de reflexão que se faz possível por meio da afetividade, e uma afetividade que se faz possível por meio de um determinado tipo de reflexão” (MAHEIRIE, 2003, p. 148). Além do mais, possui a característica de refletir as especificidades socioculturais de diferentes povos através de elementos sonoros como ritmo, harmonia e/ou melodia, vindo a ser um meio de se expressar emoções e de formação identitária (MATOS; BELEM, 2019, p. 12), seja no ato de se fazer, performar ou escutar música.

A forma como nos relacionamos com a música muda de acordo com a realidade na qual nos inserimos e diante dos processos de subjetivação. Pode-se fazer música de diferentes formas e o processo de composição de cada artista ou grupo é singular. A performance é multifacetada e os instrumentos musicais utilizados são ilimitados. O ato de escutar música, por sua vez, vem se diversificando cada vez mais com os adventos tecnológicos do século XXI, sendo hoje possível se escutar variados estilos de músicas e artistas de qualquer lugar do mundo através de plataformas de streaming.

Esta forma de arte dialoga constantemente com a psicologia e ressoa através do recente campo da psicologia da música, no qual várias pesquisas estão a surgir buscando compreender os aspectos sociais, a evolução desta prática artística e os efeitos das atividades musicais em ambientes terapêuticos e não terapêuticos com um atual interesse multidisciplinar na relação entre música, saúde e bem-estar. Um dos campos mais explorados é o de musicoterapia, mas os estudos não se restringem apenas a esta área. Há o campo da educação musical, por muitas vezes focada no desenvolvimento de habilidades no processo de se aprender música. Há as pesquisas sobre música comunitária, que costumam ter uma abordagem mais interventiva e buscam objetivos terapêuticos de forma secundária. E também existe o campo de pesquisa da música na vida cotidiana, que explora os efeitos de se escutar música no panorama do mundo real e como ela se relaciona com práticas do dia-a-dia.

Muitas destas pesquisas realizadas nos últimos anos têm ainda constatado a importância da música na promoção de saúde (CASSOLA et al, 2021; IBIAPINA et al, 2022). Para falarmos da temática, faz-se necessário refletir acerca de que saúde é esta da qual tratamos. A Organização Mundial de Saúde (2020, p. 1, tradução nossa) define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade”, mas sintetizar saúde em um único conceito torna-se uma tarefa difícil, visto que “detalhes da fisiologia individual, conceitos de saúde e bem-estar estão relacionados ao tempo, lugar, cultura, idade, gênero, status social, etnia e autoeficácia (MACDONALD et al, p. 3).

Faz-se necessário ainda explorar a música como produção de sentido. Vygotsky (1992, p. 112), ao discorrer sobre a linguagem, baseia-se em Frédéric Paulhan para definir o sentido de uma palavra como “a soma de todos os acontecimentos psicológicos que essa palavra desperta na nossa consciência. É um todo complexo, fluido, dinâmico que tem várias zonas de estabilidade desigual”.

Enquanto isto, Gonzalez Rey (2005, p. 129) destaca que os sentidos são constituídos ao longo da vida, por meio de experiências, motivações e emoções que são vivenciadas, algo que é corroborado por Maheirie (2003, p. 110) ao dizer que “as pessoas, em grupos, em relações, de acordo com contextos históricos, culturais e pessoais, atribuem e constroem significados à música a partir de suas vivências e experiências” e por Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007, p. 106):

A atividade musical, enquanto integrante de uma cultura, criada e recriada pelo fazer reflexivo-afetivo do homem, é vivida no contexto social, histórico, localizado no tempo e no espaço, na dimensão coletiva, onde pode receber significações que são partilhadas socialmente e sentidos singulares que são tecidos a partir da dimensão afetivo-volitiva e dos significados compartilhados.

Consequentemente, a partir do contexto histórico e social dos povos indígenas, a música assume nuances e papéis diferentes aos quais estamos familiarizados. A música ocidental como conhecemos é padronizada em um sistema tonal renascentista e possui uma lógica matemática, enquanto os instrumentos indígenas, por exemplo, possuem tonalidades diferentes, algo que já foi motivo para que fossem proibidos pela igreja por seus sons serem considerados profanos (SOUZA, 2016, p. 75).

Para alguns povos a música assume um papel central dentre as práticas culturais, como constatado por Mello (2005, p. 282) no papel que esta assume na continuidade da vida social dos Wauja no Alto Xingu ou por Morales-Hernández e Urrego-Mendoza (2017, p. 464) em uma pesquisa realizada junto a uma comunidade Muísca na Colômbia, em que a música surgiu como um elemento intrínseco da saúde e que conecta-se com práticas de cura, recuperação de memórias ancestrais, possuindo usos também recreacionais e educativos.

Entretanto, não podemos generalizar os significados atribuídos à música por uma etnia às outras, visto que cada povo possui suas especificidades culturais. A ideia do indígena genérico, na qual os diferentes povos são reduzidos a uma identidade supra-étnica, é equivocada e precisa ser desmistificada (FREIRE, 2016, p. 5-6). A própria terminologia ‘indígena’ implica em uma complexa construção, que, mesmo não sendo foco deste trabalho, vale mencionar a problematização que a Psicologia vem contribuindo, em torno dos povos originários que ocupavam o território das Américas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019).

No Brasil, existem mais de 300 etnias e não podemos deixar de reconhecer cada uma na sua especificidade. O Tukano, o Dessana, o Baniwa, o Tikuna, o Munduruku, o Guarani, o Macuxi, o Ianomâmi e todas as outras etnias possuem cultura, cosmologia e costumes próprios. Portanto, não poderia ser diferente acerca da relação de cada povo com a música.

Faz-se necessário ainda desconstruir outras ideias equivocadas que se tem acerca dos povos indígenas. Uma delas provém do pensamento colonial de que suas culturas são atrasadas. Devido à dominação imposta às populações originárias, seus saberes e modos de vida foram desvalorizados e classificados hierarquicamente abaixo, segundo o padrão eurocêntrico considerado evoluído. As religiões, as línguas, as ciências e as artes indígenas foram durante muito tempo consideradas “inferiores” e isto repercute na ideia que a sociedade brasileira tem de suas culturas. Entretanto, cada um desses aspectos culturais dos diferentes povos indígenas possui sua riqueza e sabedoria própria, da qual desconhece-se por ignorância, despreparo e desprezo (FREIRE, 2016, p. 8-12). Outra ideia equivocada é de que suas culturas são congeladas, o que reproduz preconceitos e faz com que tentem retirar à força suas identidades étnicas. Devemos reconhecer que as culturas dos povos indígenas também mudam com o tempo

e estão sujeitas ainda aos processos de interculturalidade, na qual há relação de trocas com outras culturas (FREIRE, 2016, p. 13-14). Existe também a ideia de que o indígena pertence ao passado. A realidade é que os povos indígenas integram o Brasil moderno e não são um obstáculo ao progresso, mas o contrário, pois as culturas indígenas enriquecem e embelezam nosso país (FREIRE, 2016, p. 16-19). Além da riqueza cultural, aponta-se cada vez mais que os modos de vida sustentáveis que predominam junto às populações tradicionais, são alternativas viáveis e mais adequadas à manutenção da vida e do ecossistema em geral. Assim, ao invés de constituir um suposto atraso, os saberes e modos de vida dos povos indígenas constituem evolução e alternativa mais adequada ao manejo de recursos naturais, por exemplo. O último equívoco é de o brasileiro não considerar o indígena na sua formação identitária. As matrizes indígenas fazem parte de nossa formação enquanto povo brasileiro e, apesar de todas as tentativas de eliminação e assimilação, elas hoje resistem e ainda se fazem presentes na nossa sociedade. (FREIRE, 2016, p. 19-20).

Todos esses equívocos surgem a partir do contexto histórico do nosso país, que é perpassado pela colonização e opressão dos povos indígenas, que tem sua história e cultura reconstruída a partir da perspectiva do colonizador.

Desde ângulos diversos, a situação colonial resulta da processualidade das ações coloniais forjada em torno dos domínios territoriais nas quais se estabeleceu a relação *territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas* como escreve Said, e os Impérios constroem a história e geografia; elas são “reordenadas e reescritas nas metrópoles”, o que ocorre também com a música, a poesia, a prosa e as ciências nos momentos de recriação do espaço conquistado e a constituição do “duplo Colônia/Colonizado” portador de características justificadoras da dominação (SAID, 2011 apud MARIN, 2021, p. 121)

A partir desta reflexão, podemos perceber a riqueza e complexidade por detrás do ser indígena na sociedade brasileira. As diferentes etnias encontram-se espalhadas por todo o nosso país, seja nos interiores ou nas capitais. Inclusive, os povos indígenas têm conseguido ocupar espaços onde até recentemente eram excluídos, como o das universidades, um território que costuma ser ocupado por brancos no Brasil (OLIVEN; BELLO, 2017, p. 342). Apesar disto, a permanência ainda é um desafio, com estes jovens enfrentando muitas adversidades, como, por exemplo, dificuldades para escolher o curso, formação escolar precária, falta de diálogo intercultural na universidade e manifestações preconceituosas (AMES; ALMEIDA, 2021, p. 271-272). Amaral e Baibich-Faria (2012, p. 832) relatam em um estudo realizado em universidades estaduais do Paraná que, ao depararem-se com dificuldades similares às supracitadas, estes jovens buscam superar as fragilidades impostas através da capacidade de um duplo pertencimento acadêmico e étnico-comunitário.

Como aponta a literatura acerca da música como produção humana dotada de sentido, no contexto ocidentalizado, é possível identificar sentidos atribuídos a ela ao longo da vida tanto coletiva quanto individualmente. Entretanto, ao invés de buscarmos universalizar os sentidos e, de certa forma reproduzir perspectivas colonialistas sobre construtos humanos dotados de sentidos, faz-se necessário buscar a partir de vivências distintas de que forma a música integra a dimensão subjetiva a partir de outras formas de subjetivação. Portanto, diante do exposto acerca da música e realidade de jovens universitários indígenas brasileiros, pretende-se compreender a dimensão desta expressão artística em suas trajetórias de vida através dos sentidos atribuídos às suas experiências musicais.

1.1 Objetivos

Objetivo geral: compreender os sentidos atribuídos por jovens universitários indígenas às suas experiências musicais em suas trajetórias de vida.

Objetivos específicos: conhecer a história de vida das pessoas entrevistadas; compreender a relação entre música e bem-estar para jovens universitários indígenas; destacar a relação intersubjetiva dos sujeitos com as experiências musicais; compreender o papel da música na superação de adversidades relacionadas ao contexto no qual se encontram.

1.2 Justificativa

A música sempre foi algo muito significativo em minha vida. Acredito que sem a paixão que desenvolvi por esta forma de expressão artística não estaria a finalizar o curso de Psicologia na Universidade Federal do Amazonas. Foi através dos instrumentos musicais, do canto e da composição que me possibilitei abrir para o mundo. E é através disso que também pretendo guiar a minha caminhada profissional.

Durante a trajetória acadêmica sempre busquei inserir a música nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Na interface com a psicologia, desvelou-se em inúmeras possibilidades: a música na promoção de bem-estar, na construção de laços, nas lutas políticas, no fortalecimento de comunidades, na formação identitária. Em razão disto, decidi explorar cada vez mais seu potencial.

Este desejo juntou-se a uma inquietação. São Gabriel da Cachoeira, município em que 76,3% da população se autodeclara indígena, é também conhecido por suas altas taxas de suicídio e prevalência de depressão entre jovens. Entre 2000 e 2007 a taxa de suicídio foi de

15,5 a cada 100 mil habitantes, valor três vezes superior à taxa nacional. Além disto, verdadeiras “epidemias” já foram relatadas dentre os Tikuna em meados da década de 90. Esta problemática é potencializada pela desestruturação sociocultural com a qual estes grupos têm de enfrentar. (BASTA; ORELLANA; ARANTES, 2010, p. 87-89)

Por outro lado, a música é muito presente como prática social de diferentes etnias e pode ser uma estratégia de cuidado e fortalecimento comunitário e identitário. A partir disto, surgiu a ideia de buscar compreender os sentidos atribuídos à música por jovens indígenas. Diante da impossibilidade de deslocamento, optou-se por continuar com a temática e realizar a pesquisa com jovens indígenas que residem na cidade de Manaus.

2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Inicialmente faz-se necessário compreender alguns dos conceitos utilizados no decorrer da pesquisa.

Acerca da música, percebe-se que há dificuldades em estabelecer uma definição única para esta forma de expressão artística, visto que sua conceptualização muda diante de diferentes culturas. Apesar disso, tentaremos entender as experiências musicais de duas formas: como experiência estética e como práxis social.

Para Dewey (2010, p. 113-115), a experiência estética caracteriza-se por uma integração interna e um desfecho através de um movimento organizado, tornando-se emocionalmente satisfatória. Nela os fatores determinantes de uma experiência singular “se elevam acima do limiar da percepção e se tornam manifestos por eles mesmos” (DEWEY, 2010, p. 140-141). Estas experiências são capazes não apenas de gerar uma satisfação e prazer, mas também de ressignificação criativa e mudanças no meio com o qual relaciona-se. Vygotsky (1999, p. 270) já traz a experiência estética como uma catarse e complexa transformação dos sentimentos, que são vivenciados com força. Especificamente acerca da música como experiência estética, Vygotsky (1999, p. 319) afirma ainda que ela:

nos motiva para alguma coisa, age sobre nós de modo excitante porém mais indefinido, ou seja, de um modo que não está diretamente vinculado a nenhuma reação concreta, a nenhum movimento ou atitude. Nisto vimos a prova de que ela age simplesmente de modo catártico, ou seja, elucidando, purificando o psiquismo, revelando e explodindo para a vida potencialidades imensas até então reprimível e recalçadas.

Somado a isto, ela possui um poder coercitivo que nos leva indiretamente à ação e nos direciona para o futuro.

Visto que é necessário frisar ainda mais a música como uma experiência intersubjetiva, traz-se a música como práxis social, no sentido em que:

(...) longe de serem estritamente individuais ou "interiores", as experiências musicais são fenômenos socialmente construídos e compartilhados socialmente, e as experiências musicais incluem invariavelmente muitas dimensões além das chamadas qualidades estéticas - vozes específicas, instrumentos, situações, lugares, processos, pessoas, e assim por diante. Em outras palavras, não existe tal coisa como 'a música em si', ou 'a arte pela arte', ou 'música pura' ou 'música absoluta'. A música só pode ser entendida e experimentada em relação aos contextos de prática sócio-musical; significados e experiências musicais nunca são desinteressados ou distanciados das necessidades e funções sociais, culturais, históricas e pessoais. De uma perspectiva praxial, 'música' só tem significado em relação a, e em reconhecimento de, objetivos e necessidades humanas distintas. (SILVERMAN; ELIOT, 2012, p. 30, tradução nossa)

Portanto, não podemos desvincular as práticas musicais de seus contextos históricos, sociais e culturais nem mesmo quando escutamos sozinhos uma música. Vygotsky (1999, p. 315) diz que:

(...) a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser (...) o sentimento não se torna social mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social.” (1999, p. 315)

A partir disto, reflete-se acerca do papel da música e sua prática social na formação identitária. Para Ciampa (2005, 141-142), identidade não deve ser considerada como algo estático, mas como uma metamorfose. Portanto, a formação identitária surge como um processo fluido que ocorre ao longo da vida e numa constante relação com vivências singulares e coletivas. Ciampa (2002, p. 139; 2005, p. 243) estabelece ainda a identidade como política, através da qual um indivíduo exerce sua autonomia e luta pela emancipação de seu coletivo.

É importante também explorar a relação entre psicologia e relações étnico-raciais, visto que isto encontra-se no cerne de nossa pesquisa. De acordo com Martins, Santos e Colosso (p. 131, 2013) “ante os avanços dos marcos regulatórios e das políticas de proteção e promoção de direitos no Brasil, a psicologia vem sendo, cada vez mais, interpelada e chamada a contribuir para a compreensão das relações étnico-raciais”, vindo a ter o desafio de “exercer um papel decisivo na superação das desigualdades no Brasil”.

Apesar disso, a psicologia possui uma roupagem eurocêntrica, o que dificulta o trabalho junto aos povos indígenas. Diante de um país cuja história é marcada pela extermínio, escravização e tentativas de assimilação dos povos indígenas faz-se necessário:

discutir a questão dos povos indígenas e de produzir uma Psicologia atenta às suas necessidades, capaz de contribuir com suas lutas, como lutas pela dignidade, lutas pelo bem viver. E ao fazer esse reconhecimento identificamos imediatamente a necessidade de reinventar teorias, perspectivas de análise da dimensão subjetiva, referências de atuação profissional em Psicologia (ROSA, 2016, p. 13-14)

Outro conceito que é importante trazer é o de interculturalidade, que é “o resultado da relação entre culturas, da troca que se dá entre elas” (FREIRE, 2016, p. 14). Este conceito “apresenta as culturas em conflito e em diálogo, ao mesmo tempo, não tentando obstruir as diferenças e sim fazer com que elas conversem e se entrelacem” (WEISSMANN, 2018, p. 27). Ademais, de acordo com Rodrigues (2007, p. 60):

A experiência cotidiana da interculturalidade nos demonstra a importância de reconhecer diferentes culturas, pertencimentos, identidades, mantendo, porém, a clareza que essas não são realidades homogêneas e sim espaços de trocas, recursos para a ação, narrativas compartilhadas, contestadas e negociadas

Por fim, um conceito importantíssimo de se explorar é o de subjetividade. De acordo com Gonzalez Rey (apud SILVA, 2009, p. 170) esta “é um sistema complexo capaz de expressar através dos sentidos subjetivos a diversidade de aspectos objetivos da vida social que concorrem em sua formação”. Silva (2009, p. 172) complementa ao dizer que:

O fato de a subjetividade referir-se àquilo que é único e singular do sujeito não significa que sua gênese esteja no interior do indivíduo. A gênese dessa parcialidade está justamente nas relações sociais do indivíduo, quando ele se apropria (ou subjetiva) de tais relações de forma única (da mesma maneira ocorre o processo de objetivação).

González Rey (2003, p. 240) traz também que a subjetividade “se manifesta na dialética entre o momento social e individual, este último representado por um sujeito implicado de forma constante no processo de suas práticas, de suas reflexões e de seus sentidos subjetivos”. Sendo assim, compreende-se que através da apropriação das relações sociais é que se pode vir a atribuir sentidos e significados às experiências musicais.

3. MÉTODO

3.1 Tipo de Pesquisa

Por buscar-se compreender sentidos atribuídos às experiências musicais, optou-se por utilizar a abordagem qualitativa em pesquisa, pois de acordo com Minayo (2007, p. 21) ela trabalha com o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”, perpassando pela realidade social e pelas representações oriundas da produção humana. De tal forma, será privilegiada a fala e a própria percepção de cada participante.

Ainda de acordo com Minayo (2007, p. 26), o processo de trabalho divide-se em três etapas: a fase exploratória, que compreende a produção do projeto de pesquisa e dos procedimentos necessários para a entrada em campo; o trabalho de campo, que consiste em levar a construção teórica prévia para uma prática empírica, através de instrumentos de observação, entrevistas, levantamento de material documental, entre outros; e a análise e tratamento do material empírico e documental, em que os dados obtidos são compreendidos e articulados com a teoria que embasa o projeto. Nesta última etapa ocorre inicialmente a ordenação dos dados, seguida da classificação dos dados e, por fim, da análise.

3.2 Os participantes

A pesquisa foi realizada com dois participantes, que foram encontrados a partir da utilização do método “bola de neve”, que é “uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência” (VINUTO, 2014, p. 203). Os critérios para participação incluíram:

1. Ser indígena;
2. Ter entre 18 e 29 anos de idade;
3. Ser estudante universitário;
4. Residir na cidade de Manaus.

3.3 O instrumento

Como instrumento, foi selecionada a entrevista narrativa. Ela caracteriza-se como um instrumento de pesquisa não estruturado, na qual emergem histórias de vida do entrevistado (MUYLAERT et al, 2014, p. 194). Este tipo de entrevista foi selecionado por ter uma influência

mínima do entrevistador e se utilizar do contar e escutar história, algo tão presente na comunicação cotidiana (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2008, p. 95)

A entrevista narrativa foi conduzida de acordo com as quatro fases propostas por Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 98-100). A primeira fase consistiu na “iniciação”, em que foi explicado o contexto da pesquisa para o participante e solicitada a permissão para que se pudesse gravar a entrevista. As etapas da entrevista foram explicitadas e foi solicitada a narração de sua história de vida com foco no tópico central proposto por esta pesquisa: a música.

A segunda fase foi a da “narração central”. O entrevistado começou a contar a sua narração e não foi interrompido até que houvesse uma “coda”, sinalizando que este havia terminado. Apenas foi realizada a escuta ativa com demonstração de interesse através de falas como “sei” e “sim” e perguntas foram anotadas para a próxima fase. Ao final, foi perguntado ao participante se ainda havia mais alguma coisa que este quisesse contar.

A terceira fase foi a “fase de questionamento”. As perguntas anotadas na segunda fase foram realizadas. De acordo com Schutze (2013, p. 212), esta etapa explora o potencial narrativo tangencial de fios temáticos narrativos transversais. Houve um enfoque nos trechos em que o participante tinha explorado resumidamente algum aspecto da sua relação com a música em determinado ponto de sua vida ou que tenha faltado clareza em sua narrativa. As perguntas foram imanentes, sendo constituídas a partir da própria fala do entrevistado.

Por fim, a última fase foi a “fala conclusiva”, na qual o gravador foi desligado e prosseguiu-se com uma conversa informal acerca da entrevista. Neste momento, perguntas do tipo “por quê?” puderam ser realizadas.

3.4 Análise das entrevistas

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas e foi realizada a análise de conteúdo temática (MINAYO, 2007, p. 91-92).

A primeira etapa foi a leitura flutuante exaustiva, na qual as transcrições foram lidas repetitivamente para que se aprofundasse no conteúdo exposto. A leitura possibilitou com que se pudesse elaborar uma visão de conjunto, apreender as particularidades do conjunto, elaborar pressupostos iniciais, escolher formas de classificação inicial e determinar conceitos teóricos que nortearam a pesquisa.

A segunda etapa foi a de exploração do material. Os trechos foram distribuídos de acordo com a classificação inicial e, a partir de núcleos de sentido percebidos, as falas foram agrupadas em categorias de análise.

A última etapa foi a síntese interpretativa, na qual as categorias de análise foram relacionadas com os pressupostos da pesquisa e com o referencial teórico proposto.

3.5 Procedimentos éticos

O projeto seguiu as determinações das resoluções CNS 466/12 e CNS 510/16, que consideram que não existe pesquisa com seres humanos que não apresente riscos. Ele faz parte da pesquisa **Trajetórias de Escolarização de Jovens Estudantes Amazônidas**, coordenado pela professora Dra. Iolete da Silva Ribeiro, que foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM e registrado sob o CAAE15366619.1.1001.5020.

A obtenção das entrevistas foi realizada somente após a aprovação do protocolo e foram salvaguardados os direitos de sigilo dos entrevistados, sendo utilizados nomes fictícios ao longo desta monografia.

Foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de acordo com as resoluções supracitadas, no qual foram apresentados os objetivos da pesquisa. Após leitura prévia, obteve-se o consentimento dos participantes, que também autorizaram a gravação das entrevistas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o exposto anteriormente, foram concluídas duas entrevistas narrativas com jovens universitários indígenas que residem na cidade de Manaus. Eles escolheram nomes fictícios para que fossem utilizados nesta pesquisa. Portanto, os chamaremos de Baíra e Yawarete.

Baíra é um jovem de 25 anos da etnia Tikuna que vive em Manaus desde 2009, onde atualmente estuda medicina. Ele tem experiência com alguns instrumentos musicais, como flauta, teclado e bateria, que estudou quando era mais novo. Porém, nunca se aprofundou e hoje encontra-se afastado do “tocar música”.

Yawarete é um jovem de 24 anos da etnia Baniwa, graduando em psicologia, que nasceu em Manaus. Sua família se mudou para a capital na década de 80 para realizar um tratamento para seu bisavô na Casa de Saúde Indígena e acabaram ficando pela cidade. Sua relação com a música é mais próxima, pois estudou eufônio, flauta doce e barítono e foi professor de música durante um período de sua vida.

Foram seguidos os procedimentos metodológicos e éticos supracitados, sendo gravadas as entrevistas e posteriormente transcritas, para que se pudesse realizar a análise. Em seus relatos, foram atribuídos diferentes sentidos à música, como uma forma de se lembrar e reviver o passado, de conexão com sua cultura, de elaboração de luto, de criação de laços afetivos e como um caminho entre diferentes culturas. Portanto, determinados sentidos foram expressos e refletidos nas seguintes categorias de análise: uma forma de lembrar; eu quero me encontrar no indígena; os instrumentos e o tocar música; interculturalidade; música como sentido para viver; as músicas eram para fortalecer.

Uma forma de lembrar

Um dos sentidos atribuídos à música foi de que ela é uma forma de lembrar de suas experiências passadas, especialmente com familiares próximos, como a avó de Yawarete e os pais de Baíra.

A minha vó passa por isso e é ela quem me ensina a importância da música, né? Ela sempre canta. Ela sempre cantou para mim. (Yawarete)

E aí quando entra o instrumento musical, que eu digo que é mais a flauta, que é o instrumento que ela fazia... é onde me faz querer buscar mais, né? É onde eu quero buscar mais... e quando eu escuto o som do Carrissu tocando, eu lembro dela, né? Eu lembro desse momento e eu lembro de como isso me deixava feliz, né? (Yawarete)

(...) ela pegava a árvore da Embaúbeira. Não sei se tu sabe o que é Embaúba... é uma árvore que dá muito nos roçados por aqui. E aí ela corta essas árvores quando elas estão pequenas ainda... ela corta elas... é... tira toda a casta, faz um furinho e faz

uma flauta. Ela fazia várias flautas pra gente. Ela soprava, mostrava pra gente a música e dava pra gente ficar brincando. (Yawarete)

Durante a minha infância assim m... eu escutava mais meus pais... mas hoje em dia, uma forma inclusive de eu relacionar e lembrar dos meus pais são (sic) ouvindo música tipo... Amado Batista... esses bregas mais antigos. São o que me fazem ter aquela aquela nostalgia né? (Baíra)

(...) mas eu gosto também das músicas mais antigas... tipo... é... é... Julio Iglesias, Roberto Carlos também... até porque é uma forma também de lembrar dos meus pais né? Porque eles também ouvem muito. Principalmente meu pai. (Baíra)

Nas falas em destaque, a música surge como uma forma de mediar a relação que estes jovens têm com as memórias afetivas de pessoas próximas, revivendo-as. Acerca disto, Wazlawick, Camargo e Maheirie (2007, p. 112) afirmam que:

Os significados e sentidos ressoam nas vivências do sujeito e são construídos na sua relação com a música. Estes significados partem das vivências afetivas do sujeito, demonstrando a utilização viva da música, uma vez que mudam, desconstroem-se e são recriados, porque também são constituídos pelos sentidos, ligados ao uso da música de modo idiossincrático e em relação.

E de acordo com Maheirie (2003, p. 150):

O sentido da música (...) é sempre permeado pela afetividade. Em primeiro lugar, percebemos sua sonoridade, depois degradamos um saber anterior que tenha uma relação com os elementos percebidos deste som para, em seguida, transformarmos este saber e constituirmos um sentido àquela música. Posteriormente, estabelecemos, de forma singular, um significado para a música, compactuando ou não com seu significado coletivo. As características daquela sonoridade surgem como um complexo representativo que aparece determinado pela consciência afetiva, a qual, por sua vez, lhes dá nova significação.

Também é presente nas falas de ambos a experiência do luto através da música ao lembrarem de entes queridos que faleceram:

(...) mas o que a gente ouviu hoje em dia... quando eu ouço dá até um... fico meio melancólico também... porque traz a imagem dela né? Ela era uma pessoa muito humilde... muito legal... gentil... e a gente era amigo pra caramba. (Baíra)

Ouvir o som de uma flauta e voltar lá com eles... ouvir o som de uma música e conseguir me encontrar... por exemplo, eu tenho um tio que faleceu na... na pandemia... e ele era um ótimo flautista... ele tocava muita flauta. E ele me ensinou a tocar... então quando eu escuto aquilo algumas vezes, vem pra mim a memória dele, né? Então, eu vejo o meu luto com ele assim... o meu luto com ele veio na música porque a pandemia foi tão forte que eu não pude sentir nada, né? (Yawarete)

A música traz à tona memórias afetivas de pessoas que não estão mais presentes. “Ao escutarmos uma música podemos, por meio dela (...) trazer para o presente um objeto que está ausente” (MAHEIRIE, 2003, p. 150-151). Isto acontece tanto em relação a pessoas que estão vivas, como a avó de Yawarete e os pais de Baíra, quanto em relação àqueles que faleceram. Pastore (2016, p. 211) relata que, junto ao povo Kaxixó, “dar voz aos mortos fortalece os novos em suas ações e potencializa o desenvolvimento (...) enquanto comunidade indígena nas

diferentes frentes de atuação: cultural, ambiental e econômica” e, conforme narrado, essa voz pode surgir na música.

Além do mais, essas memórias afetivas às vezes os consolam e os acolhem quando estão tristes:

Ouvir uma música que lembre o teu pai e a tua mãe... nos momentos bons... de viagens... é uma coisa legal... divertida. Então, eu acho que isso serve também pra consolar né? Pra consolo... é mais ou menos nesse sentido que eu trago a música assim pra lembrar meus pais... consolo... seria a palavra que... se fosse escolher uma pra resumir seria consolo... o amor. (Baíra)

E quando eu penso em me sentir mal, quando eu fico triste, eu volto a essas lembranças. Eu vou visitar ela. E daí eu chego lá, visito... converso... ela canta às vezes para mim (...) eu sinto a necessidade de chegar ao ancião da minha família, contar como eu tô me sentindo, contar o que está acontecendo... ouvir o aconselhamento que eles vão me dar, né? E lembrar de o quanto eu respeito eles, o quanto eles me respeitam também (Yawarete)

Então tipo... as músicas que eu passei na minha infância perto dos meus pais... por exemplo tem dias que a gente amanhece mais melancólico né? Acho que isso é normal pra todo ser-humano. Ninguém aqui é de ferro. Uma hora a gente tá mais duro, mais firme, mas tem hora que a gente tá meio pra baixo. Nesses momentos assim quando eu quero força, mais inspiração e tal eu ligo pros meus pais... ou então... as vezes que eu sei que eles estão muito ocupados também... aí eu coloco uma música. (Baíra)

Sendo assim, a música, enquanto algo que traz à tona memórias afetivas que consolam e que proporciona uma “conversa” com um ancião mesmo estando distante pode ser um fonte de bem-estar ou até mesmo um caminho para o bem viver, “princípio ético-moral, legado pelos indígenas andinos, mas que também encontra expressões próprias em comunidades indígenas brasileiras” (TEIXEIRA, 2016, p. 242).

Eu quero me encontrar no indígena

Querer se encontrar em sua cultura e se identificar com ela através da música se tornou bem presente nas falas de ambos os entrevistados, como traz Baíra:

E a música indígena ela tem sido muito influente na minha vida da forma que ela passa a retratar a forma como eu me vejo na minha... na minha origem étnica. Como eu vejo... passo a lembrar da minha família, da minha aldeia. (Baíra)

Então, a partir disso aí eu comecei a me envolver mais com a cultura indígena... tanto a música quanto a cultura em termos de é... de ancestralidade e... e... e humana mesmo nesse movimento indígena né? É... então, a partir daí eu comecei a buscar esses ... esses materiais tanto históricos quanto culturais, linguísticos... é... musicais. (Baíra)

Portanto, a música indígena aparece como importante na formação identitária dos jovens universitários, pois conecta-se com sua memória histórica. De acordo com Martin Baró (2017, np), “saber quem você é significa saber de onde você vem, de quem ou do que você depende. Não há verdadeiro conhecimento de si mesmo que não seja um reconhecimento das próprias

origens, da própria identidade comunitária, da própria história”. Baíra busca essa identidade histórica para que possa se encontrar no ser indígena, como traz na seguinte fala:

Então é isso... foi através disso que... através da busca da minha... da minha... ancestralidade... da minha... da minha língua materna... do meu eu né? Que eu quero me encontrar... eu sempre quero me encontrar no indígena. Porque como eu não tô lá então eu não posso viver diariamente como é ser... mas... então eu aqui eu procuro ter esse conhecimento... tanto de música... quanto de... de cultura mesmo.” (Baíra)

Yawarete apresenta ainda como a música traz toda uma cosmologia por detrás de si, denotando-se tamanha importância cultural:

Essa importância cultural que tem, que vem realmente de uma questão cosmológica, uma questão de vivência, de o que que é o mundo para esses povos e... como né... são utilizadas essas questões do benzimento, do maracá, do sopro, tudo isso parte à música, né? Nos rituais de apresentação, nos rituais de iniciação... o ritual do Carrissu é muito conhecido. (Yawarete)

Moralez-Hernández e Urrego-Mendonza (2017, p. 463, tradução nossa) relatam que práticas culturais, como a música a dança, “são mecanismos de comunicação entre as comunidades e, de uma forma mais ampla, são formas de comemorar, contatar e prover unidade com o cosmos, baseado no conceito que cada grupo indígena tem”.

Além do mais, “as questões relativas à saúde dos povos indígenas estão direta e profundamente ligadas à possibilidade de viver e sobreviver dentro da própria cultura e tradição e com o sentido de pertencimento dentro da comunidade” (GONÇALVES, 2016, p. 221). E, mesmo nascendo e crescendo longe da sua comunidade por sua família ter deixado sua terra para trás, Yawarete expressa como este pertencimento surge através música:

Então, eu vejo essa necessidade de pertencer e que... vejo que essa necessidade está ligada a questão musical de uma forma bem temporalizada (Yawarete)

Aí fico pensando, e se eu não tivesse naquele momento ali, será que eu teria me interessado em querer aprender a tocar flauta, em entrar na música, né? Então, eu sempre levo pra essa questão bem ancestral de que o meu bisavô fazia isso... meu bisavô era... era como um... é... como um... é... como se fosse um pajé, né? Mas não tão quanto um pajé. Ele é um benzedor... e ele fazia também a mesma coisa... passou pra ela e ela passa isso pra mim. Então, é... meu pertencimento vem da música muitas vezes... acho que é isso. (Yawarete)

O bem-viver pressupõe “no cotidiano, uma vida comunitária em harmonia com a natureza, simplicidade, reciprocidade, valorização da sabedoria dos anciãos, a experiência cotidiana do sagrado e a celebração da vida” (TEIXEIRA, 2016, p. 243) e a música surge como um possibilidade de conexão com a sua comunidade, seus parentes e anciões através dos diferentes sentidos que são atribuídos a ela, ou seja, uma possibilidade de ir de encontro ao bem-viver mesmo distante de sua terra.

Interculturalidade

Outro sentido atribuído à música é como um diálogo intercultural, que perpassa as multiplicidades musicais presentes em Tabatinga, cidade próxima a que Baíra nasceu:

(...) na frente de Tabatinga fica Santa Rosa, que é uma cidade do Peru. Aí Leticia fica grudada com Tabatinga. É dividida por uma avenida... se chama avenida da amizade. Aí essa musicalidade aí... ela se mistura né? Dos três países... (Baíra)

(...) mas normalmente quando eu faço festa em casa eu gosto muito de Cumbia, Vallenato, Merengue, que são músicas que... como eu sou ali da fronteira... Santo Antônio fica próximo de Tabatinga né? São... são oito horas de viagem se não me falha a memória de... lancha até Tabatinga. Então... aí ali tem uma mix de músicas né? ... uma mistura cultural. Então tu aprende a dançar, a ouvir e cantar em espanhol. (Baíra)

Yawarete, por sua vez, a experiencia através da escuta de músicas de outras etnias, como a do povo Guarani:

(...) eu gosto de ver as músicas de outros povos. Pode passar horas ouvindo, que trazem paz pra gente, né? Eu sempre digo que o povo Guarani é... eles têm um canto deles que é muito tranquilo e onde eles passam horas cantando. (Yawarete)

De acordo com Godoy (2016, p. 119) “a ideia de interculturalidade pressupõe troca, aprendizado mútuo, abertura para o Outro (...) aponta para a construção de uma “ponte” entre diferentes visões de mundo ao mesmo tempo em que possibilita o resgate subjetivo de uma parte ignorada de nós mesmos”. É uma forma de conexão com o outro, que nos possibilita ouvir e aprender.

Instrumentos musicais

A relação com a música também se expressa através da relação com instrumentos musicais. Tanto Baíra quanto Yawarete já se dedicaram a aprender a tocar alguns instrumentos musicais.

Eu era criança ainda e meus pais me colocaram pra estudar teclado e flauta doce. Aí... posterior... eu estudei bateria. Fiz dois anos ainda de bateria. Aí eu tive essa relação mais cedo com os instrumentos musicais no caso... e o que eu mais tocava era isso no caso. (Baíra)

Eu cheguei a estudar música um tempo, mas... mas... estudei no caso flauta, teclado... instrumento né... bateria... mas hoje em dia eu já não tenho tanta intimidade com os instrumentos nem com a música. Só é mais só quando eu vou ouvir mesmo. (Baíra)

Aí então eu entrei em contato com a flauta doce e o teclado, mas... eu sempre tive vontade de tocar era piano, mas... eu nunca tive oportunidade porque eu não conhecia ninguém que tocasse piano. (Baíra)

Que lá em casa tem guitarra... tem violão... tem cavaquinho... tem... é... violino. Mas ninguém toca nada (risos). Mas ninguém toca nada, mas a gente tem. Aí ela... ela era luthier e ela reformava materiais pra gente. A gente comprava dela assim. Às vezes ela ‘olha meu filho... tem isso aqui’. Então, a gente comprava dela também. (Baíra)

Então... carreguei essa questão musica muito forte comigo e quando eu tive minha primeira oportunidade de pegar uma flauta de verdade, eu não... eu não deixei de lado... e pedi para que alguém me desse uma flauta doce pra que eu começasse a tocar... porque eu queria refazer aquele mesmo som. (Yawarete)

É... eu sou eufonista, né? Toco eufonio, flauta doce, saxofone um pouco... estudei, mas não me identifiquei tanto. É... passei a ser professor de música por muitos anos... desde os meus dezesseis anos... nos projetos Mais Cultura, que tinha muito né? Nos governos passados... e nos projetos culturais que apareciam... sempre estive presente. Morei em Itacoatiara um tempo... onde fui professor de música em uma escola de uma de uma zona bem perigosa. (Yawarete)

Até hoje... eu tenho minha flauta guardada e tem momentos em que eu tiro ela pra ficar fazendo um barulho... e eu fui estudar mesmo, aprender como que fazia as notas. Eu via outras pessoas tocando e eu repetia os mesmos toques porque eu não sabia que existia... escalas musicais... que existia acordes... que existia melodia... pra mim, tudo era só soprar, mexer meus dedos, que o som ia sair maravilhoso. Até porque nas flautinhas que a gente aprendeu com a minha avó só tinham três tonalidades, entendeu? Então elas só soltavam três tons diferentes. Não tinha assim, né, uma escala musical? Mesmo hoje... não se tem uma escala musical no Carrissu... na verdade... ele faz os sons... é... de tons aleatórios. (Yawarete)

E quando eu tive no meu bairro a oportunidade de fazer parte das oficinas de... de ensino cultural, né? Que era violão e flauta... automaticamente eu falei 'quero aprender flauta, eu quero ter um professor para me ensinar a tocar flauta'. Então, eu fui para a questão das flautas mesmo... fui aprender flauta doce... aí me dediquei bastante... até entrar no movimento de bandas, né? (Yawarete)

Ambos têm seu primeiro contato com os instrumentos musicais através da flauta doce, mas os sentidos e a trajetória de cada um se distinguem bastante. Baíra descreve como não desenvolveu essa prática musical e relaciona isto com sua família, que não tem costume de tocar instrumentos, mas tem um fascínio por eles. A casa de seus pais é cheia de instrumentos, mas ninguém toca.

Já Yawarete traz a sua relação com a avó como algo que fez com que ele buscasse tocar música. A lembrança das flautas que sua avó fazia o levou a buscar aprender a tocar flauta doce e, a partir daí, passou a explorar outros instrumentos musicais, vindo até a se tornar professor de música durante um período. Como descreve, hoje ele pega sua flauta de vez em quando e isso faz com que novamente ele retorne à esta lembrança de tocar as flautinhas de três tonalidades de sua avó.

Sendo assim, os instrumentos musicais são dotados também de uma dimensão subjetiva, o que pode ser percebido na forma como alguns povos indígenas tratam os instrumentos (SALLES, 2017, p. 227; MATAREZIO FILHO, 2019, p. 146). Eles vão além da sua característica instrumental e de “coisa”. Dentre os Paresi Haliti, por exemplo, os donos de flautas Iyamaka não necessariamente são aqueles que as tocam e às vezes até necessitam de ajuda para cuidar delas. (SALLES, 2017, p. 227).

Música como sentido para viver

Especialmente para Yawarete, o sentido atribuído à música em determinados momentos é de que esta expressão artística dá sentido para a vida em si, apresentando-a como uma motivação para continuar vivendo.

Então, a música para mim, ela me salvou e eu a usei para salvar outras pessoas a partir do significado que eu tinha com a minha família... entendendo que era esse local da música que me levava àquela lembrança, à lembrança da minha avó sentada com a gente, com um terçado na mão e fazendo as flautas... né? Então eu sempre carrego... isso é muito vivo na minha mente. (Yawarete)

A música pra mim era como uma necessidade de viver. Meu professor sempre dizia isso, que 'um dia sem música era um dia perdido', né? E aí, eu mudo esse significado pra mim, onde eu continuo com a música, continuo abraçado por ela... mas hoje seguindo e levando pra outras pessoas, pra outros jovens, pra outras regiões. (Yawarete)

Então assim, eu acho que a música é para mim, como para outros colegas... foi uma motivação pra continuar vivendo muitas vezes. A gente teve muito caso de colegas que saíam de depressões, que começavam a ter sentido participando da banda. (Yawarete)

(...) onde eu moro, num bairro onde as pessoas hoje estão envolvidas no tráfego, onde colegas que tavam comigo usavam drogas... é... já tavam bebendo... e eu simplesmente queria estar na música... simplesmente querer aprender a tocar, né? Então, eu passei a evitar essas realidades... eu acho que a evitar a minha própria realidade... é... enquanto um jovem, que tinha uma família não tão bem estruturada... é... que passava por situações complicadas devido questões não só culturais, mas questões realmente familiares, né? (Yawarete)

Sendo assim, é importante frisar que “a arte, deste modo, surge inicialmente como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode admitir nem a ideia de que o seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esse sentimento” (VYGOTSKY, 1999, p. 310).

O que ele descreve como a salvação que encontrou através da música ele tenta também levar para outras pessoas, como uma diferente possibilidade de se viver. Acerca disto, Gonzalez Rey (2003, p. 235) “traz que o sujeito em sua processualidade reflexiva intervém como momento constituinte de si mesmo e dos espaços sociais em que atua, a partir dos quais pode afetar outros espaços”.

As músicas eram para fortalecer

Yawarete traz ainda a música como algo que fortalece ao descrever uma experiência que teve em uma marcha de protesto.

Quando a gente foi pra marcha no ATL, no ano passado, contra o governo Bolsonaro, a polícia tinha quatro, cinco batalhões da polícia esperando a gente, né? Entendeu? Então, todo mundo se juntou e com o canto de um povo que era... acho que era o povo Xukuru... que levantou um canto muito forte ali pra gente e todo mundo foi pra cima... e foi... entrou com tudo mesmo... com força, sem medo. E quando a gente

volta depois de passar... sei lá... andando doze quilômetros... todo mundo volta feliz e continua dançando bem no centro do acampamento. É... todos os povos juntos unidos. (Yawarete)

(...) foi um momento assim que eu lembre... a todo momento os cantos acontecendo. Aquelas músicas que eram pra fortalecer mesmo a marcha... eram pra fortalecer o que a gente tinha feito... e eram doze quilômetros do acampamento até lá e de lá até o acampamento... e todo mundo veio correndo e dançando e voltou correndo e dançando. E eu como uma pessoa muito acima do seu peso e muito grande... digo que é uma força que vem de... dessa música... que vem desse movimento... porque normalmente eu não conseguiria fazer isso, de sair vindo de um local tão rápido, andar tanto e voltar ao mesmo tempo. E quando a gente chegar no acampamento, a gente continuar lá cantando e dançando todo mundo junto. Porque foi um momento de vitória, né? (Yawarete)

Então, todos esses movimentos de luta, de acontecimento que a gente teve ali de fortalecimento... eu te digo que são ligadas à música justamente por essa força que nos gera no momento da marcha, no momento dos cantos que eles trazem... no momento da força que toda aquela união... é... traz para a gente... o quanto aquilo fortalece o nosso corpo... o que de fato, realmente fortalece o nosso corpo naquele momento (Yawarete)

Vygotsky (1999, p. 314) descreve como a música afasta o medo e abre o caminho para a bravura, preparando o organismo para a ação. Além do mais, ela desvela determinado efeito através da reação estética, que “não é apenas uma descarga no vazio, um tiro de festim mas uma reação à obra de arte e um estimulante novo e fortíssimo para posteriores atitudes” (VYGOTSKY, 1999, p. 318). Portanto, a música surge nesse momento como aquilo que dá força para agir em prol de seus direitos.

Além do mais, Vygotsky (1999, p. 320) frisa que “a arte é antes uma organização do nosso comportamento visando ao futuro, uma orientação para o futuro, uma exigência que talvez nunca venha a concretizar-se, mas que nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela” (VYGOTSKY, 1999, p. 320). Os movimentos de luta que Yawarete descreve e que são vivenciados através da música apresentam-se como um anseio por mudanças e uma projeção para o futuro, mas não para por aí, pois “as músicas, na medida em que provocam no fisiológico determinadas reações, podem, a partir daí, nos remeter a estados emocionais intensos, em que só as ações poderão lhes dar uma significação” (MAHEIRIE, 2003, p. 150).

Desta forma, esses movimentos partem de uma práxis de classe e de uma identidade social que é permeada por uma consciência histórica e social (MARTIN-BARÓ, 2017, np) fortalecida pelos cantos. Cantos estes que na fala de Yawarete são iniciados por pessoas da etnia Xuruku, o que nos permite dialogar novamente com o conceito de interculturalidade supracitado, que vem no sentido de conectar os diferentes povos numa luta única, sem com que suas culturas sejam suprimidas, mas conversem entre si e ressoem um canto de força.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, percebe-se a importância da música na trajetória de vida dos jovens universitários indígenas. O que se mostrou mais evidente foi a forma como a música os faz lembrar de pessoas próximas e os conecta com sua cultura. Ambos se relacionam com a música indígena e não indígena, e atribuem sentidos diferentes para cada uma.

A música indígena, em especial, surge como aquilo que os faz estar num locus de pertencimento ao ser indígena mesmo distantes do seio cultural de seu povo. É através dela que há o contato com os costumes, a cosmologia e a língua materna e também se faz um diálogo intercultural entre diferentes povos. Em razão disto, a música demonstra-se também como um ato político, tanto no sentido de formação e reconhecimento de uma identidade que é histórica e cultural quanto no sentido de unir os povos frente a uma luta comum ou permitir fazer um diálogo para que isto possa vir a acontecer.

Também se traz a questão do bem-viver. A conexão com a ancestralidade, a lembrança dos familiares, o pertencimento e a identificação, tudo isto permite com que o bem-viver se faça presente e possibilita com que o adoecimento e sofrimento psíquico não tome conta do viver desses jovens, visto que é algo que tem se mostrado frequente entre jovens indígenas de diferentes povos. Ademais, a música pôde se mostrar, através de um pertencimento étnico, como algo que possibilita a superação das dificuldades que surgem no momento que estes jovens tentam ocupar seus espaços dentro das universidades.

A psicologia enquanto ciência e profissão necessita de um processo de reconstrução de seus fundamentos, já que sua base é marcada por concepções coloniais. Ao longo da relação da Psicologia com todas as formas de subjetividade, a perspectiva dominante do que se entende por música, seus usos e efeitos sempre prevaleceu, ainda que a antropologia e outros campos do conhecimento venham produzindo material que permita ampliar nosso olhar. Em relação à música, o presente trabalho possibilitou um encontro onde os sentidos atribuídos são integrados a um modo de subjetivação que difere dos modos de organização ocidentais dominantes. O exercício do afastamento das vivências essencialmente individualizantes para dar lugar a narrativas que valorizam a ancestralidade, o encontro com o outro e a própria intersubjetividade é um dos aspectos que o presente trabalho visou contribuir.

Por fim, propõe-se que mais pesquisas venham a ser realizadas que visem compreender a dimensão da música na vida de jovens universitários indígenas, especialmente na superação de adversidades, na promoção do bem-viver e nas lutas políticas, pois, conforme narrado, a

música pode vir a ser ancestralidade, pertencimento, força, união e, como descrita por Baíra em sua narrativa, música pode ser amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Wagner Roberto; BAIBICH-FARIA, Tânia Maria.. A presença dos estudantes indígenas nas universidades estaduais do Paraná: trajetórias e pertencimentos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 93, n. 235, p. 818–835, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/F8qWHQJMzZtZL4VRYqq9Dnq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

AMES, Valesca Daiana Both.; ALMEIDA, Marilis Lemos de. Indígenas e ensino superior: as experiências universitárias dos estudantes Kaingang na UFRGS. **Sociologias**, v. 23, n. 56, p. 244–275, 2021. Disponível: <https://www.scielo.br/j/soc/a/RyzKkWdwLxzxKf94kfb3rfC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

BASTA, Paulo Cesar; ORELLANA; Jesem Douglas Yamall; ARANTES, Rui. Perfil epidemiológico dos povos indígenas no Brasil: notas sobre agravos selecionados. In: GARNELO, Luiza; PONTES, Ana Lúcia (orgs.). **Saúde Indígena: uma introdução ao tema**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2012

BELLORI, Pietro Giovanni. The Idea of the Painter, Sculptor and Architect, Superior to Nature by Selection from Nature Beauties”. In: HARRISON, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason (orgs). **Art in theory 1648-1815: an anthology of changing ideas**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001

CASSOLA, Eduardo Gabriel et al.. Oficina musical participativa para o Bem-Estar Subjetivo e Psicológico de usuários em internação psiquiátrica. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. Esc. Anna Nery, 2021 25(5), 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/kKNKsd89TcX8WmdFqrCdBTR>>. Acesso em: 31 de março de 2023.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória de Severino e a história de Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CIAMPA, Antonio da Costa. Políticas de Identidade e Identidades Políticas. In Dunker, Christian Ingo Lenz; PASSOS, Maria Consuelo (Orgs.). **Uma psicologia que se interroga - ensaios**. São Paulo: Edicon, 2002, p. 133-144.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogos(os) com povos tradicionais**. Brasília: CFP, 2019.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDEROT, Denis. ‘Art’ from the Encyclopédie. In: HARRISON, Charles; WOOD, Paul; GAIGER, Jason (orgs). **Art in theory 1648-1815: an anthology of changing ideas**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001

ELLIOTT, David; SILVERMAN, Marissa. **Why Music Matters: Philosophical and Cultural Foundations**. In: MACDONALD, Raymond; KREUTZ, Gunter; MITCHELL, Laura. **Music health & wellbeing**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. **Repecult**: Revista ensaios e pesquisas em educação e cultura, Nova Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 3-23, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/repecult/article/view/578/578>. Acesso em: 15 mai 2023.

GONÇALVES, Lucila de Jesus. Psicologia e povos indígenas: encontros na encruzilhada. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia**: a procura do bem viver. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: <https://www.crsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

GONZALEZ REY. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**. Os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005

GONZALEZ REY. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

IBIAPINA, Aline Raquel de Sousa et al.. Efeitos da musicoterapia sobre os sintomas de ansiedade e depressão em adultos com diagnóstico de transtornos mentais: revisão sistemática. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, n. 35, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/xRT56hdPydcZCM4BJXVN8HK/>> Acesso em: 25 de março de 2023

MACDONALD, Raymond; KREUTZ, Gunter; MITCHELL, Laura. **Music health & wellbeing**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

MAHEIRIE, Kátia.. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. Psicol. Estud., 2003 8(2), jul. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/Mj7QYdVRbYk5QSF7F8sDRLf/>>. Acesso em 13 de março de 2023.

MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo. “Facing Mountain Kenya”: Jomo Keny Atta frente à academia e às políticas do sistema colonial britânico. In: WAGNER, Alfredo (org). **Antropologia e Colonialismo**: etnografias periféricas em Moçambique, Quênia, Sudão e Brasil. São Luís: UEMA Edições / PNCSA, 2021.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **Crítica e libertação na psicologia**: estudos psicossociais. Petrópolis: Vozes, 2017.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjans; GONZALEZ REY, Fernando; PUENTES, Roberto Valdés (Orgs). **Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade**: Discussões sobre Educação e Saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019

MARTINS, Edna; SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Revista Psicologia**:

Teoria e Prática. São Paulo , v. 15, n. 3, p. 118-133, dez. 2013 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n3/09.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2023.

MATAREZIO FILHO, Edson T. **A Festa da Moça Nova:** ritual de iniciação feminina dos índios Tikuna. São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2019.

MATOS, Robson Kleber de Souza; BELEM, Rosemberg Cavalcanti. Música: formando tribos, constituindo identidades sociais. **Pesquisa e práticas psicossociais.** São João del-Rei , v. 14, n. 1, p. 1-14, mar. 2019 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v14n1/03.pdf>>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

MELLO, Maria Ignez Cruz. **Iamurikuma:** música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. 335 pp. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102877>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social:** Teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007

MORALES-HERNANDEZ, Leonardo Alfonso; URREGO-MENDOZA, Zulma Consuelo. Health, mental health, music and music therapy in a Colombian indigenous community from Cota, 2012-2014. **Revista de la Facultad de Medicina.**, Bogotá, v. 65, n. 3, p. 461-465, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rfmun/v65n3/0120-0011-rfmun-65-03-00461.pdf>>. Acesso em: 02 de Março de 2023.

OLIVEN, Arabela Campos; BELLO, Luciane. Negros e indígenas ocupam o templo branco: ações afirmativas na UFRGS. **Horizontes Antropológicos**, v. 23, n. 49, p. 339–374, set. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/yyZDqQmVcv4FdYKPMrdJQKM>>. Acesso em: 13 de junho de 2023.

PASTORE, Elisabeth Passero. Psicologia e povos indígenas: reflexões iniciais sobre a participação do psicólogo na construção do plano de gestão territorial e ambiental da terra indígena Kaxixó. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia:** a procura do bem viver. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: <https://www.crsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

ROSA, Elisa Zaneratto. Apresentação. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia:** a procura do bem viver. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: <https://www.crsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

RODRIGUES, Maria Beatriz. Interculturalidade: por uma genealogia da discriminação. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 55–61, 2007. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/hsrYFfkZHQ8K4cwKkMhZKCs>>. Acesso em: 01 de Junho, 2023.

SALLES, Pedro P. A sociedade secreta das Iyamaka, as “flautas” paresti haliti. Debates, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 208-235, nov. 2017. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/revistadebates/article/view/7050/6170>. Acesso em: 18 de junho de 2023.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa Biográfica e Entrevista narrativa. **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: Teoria e Prática**. Wivian Weller, Nicolle Pfaff(Organizadoras). Rio de Janeiro: Vozes, 2013

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação**. São Paulo , n. 28, p. 169-195, 2009 . Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf>>. Acesso em: 12 de Junho de 2023.

SOUZA, Erinilso Severino de. Formação de pajé e uso tradicional da Ayahuasca. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: <https://www.crpsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

SILVA, Maria Pereira da. A música como experiência intercultural na vida de jovens indígenas do IFPA/CRMB: um estudo a partir de entrevistas narrativas. **Dissertação (Mestrado em Música)** – Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21130/1/2015_MaraPereiraSilva.pdf>. Acesso em: 03 de Junho de 2023.

TEIXEIRA, Lumena Celi. A psicologia na promoção do bem viver indígena. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **Povos indígenas e psicologia: a procura do bem viver**. São Paulo: CRP SP, 2016. Disponível em: <https://www.crpsp.org/uploads/impresso/110/RLAg_HX8E6bm0fVjb2gpqCkreIBkTy0W.pdf>. Acesso em: 01 de Junho de 2023.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, 22, (44): 203-220, 2014.

YIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Psicologia da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

YIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de; MAHEIRIE, Kátia. Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia Em Estudo**, 12, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/W4WkFgKY8ZzqYrBbG4b3CYw>>. Acesso em: 03 de Abril de 2023.

WEISSMANN, Lisette. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção psicopedagógica**, São Paulo , v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018 . Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v26n27/04.pdf>>. Acesso em: 12 de Junho de 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Basic documents**. ed. 49. Geneva: WHO; 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/gb/bd/pdf_files/BD_49th-en.pdf>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2023

ZANELLA, Andréa Vieira. **Arteurbe: jovens, oficinas estéticas e cidade**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

APÊNDICE A



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA**

Prezado(a) Senhor(a):

Esta pesquisa intitulada “**Sentidos atribuídos à música por jovens universitários indígenas**”, tem como responsável o pesquisador Guilherme Vasconcelos Torres, graduando em psicologia, sob a orientação da Dra. Cláudia Regina Brandão Sampaio, pesquisadora e professora de graduação na Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas. O projeto é parte da pesquisa “**Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas**”, coordenado pela Dra. Iolete Ribeiro da Silva.

A orientadora pode ser contatada no Laboratório de Intervenção Social e Desenvolvimento Comunitário/LABINS da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, Av. General Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000 Campus Universitário Setor Sul, Faculdade de Psicologia, Coroado, Cep 69077- 000, Manaus, ou pelos telefones (92) 3305-4127/ 3305-1181 ramal 2004, (92) 99983-7026, ou e-mail: claudiasampaioufam@hotmail.com.

Nesta etapa, para a qual solicitamos sua participação, temos por objetivo **compreender os sentidos atribuídos à música na trajetória de vida de jovens universitários indígenas que residem na cidade de Manaus**. Solicitamos sua colaboração para participar de uma entrevista narrativa autobiográfica com tempo médio de 60 minutos para conhecer sua história de vida, com enfoque nas experiências musicais. Utilizar-se-á um gravador de voz e, após, serão feitas as transcrições do conteúdo da gravação. Em tempo, também solicitamos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos e revistas de caráter científico, em âmbito nacional e/ou internacional. Na publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Ressaltamos que sua participação se dará de forma voluntária, o que implica na não oferta de qualquer tipo de gratificação em dinheiro ou em outra espécie pelas informações

fornecidas. Caso haja algum prejuízo de ordem material decorrente da participação na pesquisa, assumimos o compromisso da indenização em compatibilidade com o dano sofrido. E para que seja possível a sua participação, solicitamos o seu consentimento por meio de assinatura abaixo, o que permitirá a coleta dos dados e a utilização dos mesmos, conforme já mencionado.

Seguindo as prerrogativas das resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 446 de 2012 e nº 510 de 2016, não existe pesquisa com seres humanos que não apresente riscos, seja à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual (BRASIL, 2012). Desta forma, a resolução reconhece a possibilidade de ocorrência de incômodo ou constrangimento por parte do participante nas etapas do trabalho de campo, que aqui corresponderão à entrevista. Caso ocorra vivência de desconforto na abordagem da temática ou havendo indício desta natureza, o pesquisador suspenderá a atividade em curso, os dados obtidos serão desconsiderados e será oferecido atendimento psicológico imediato e posterior encaminhamento para atendimento gratuito no Centro de Serviço de Psicologia Aplicada (CSPA), localizado na Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Coroado I - CEP 69077- 000, Faculdade de Psicologia, conforme termo de anuência do serviço. Este TCLE estabelece que os participantes e seus acompanhantes, se necessário, terão direito ao ressarcimento de todos os gastos decorrentes de sua participação, tais como compensação material/financeira com transporte e alimentação, e tudo o que for necessário para a sua colaboração neste estudo. Assegura-se também o direito a indenização e cobertura material, em qualquer fase da pesquisa, aos participantes que vierem a sofrer quaisquer tipos de dano, imediato ou tardio, resultantes desta, previstos ou não neste TCLE, com fim de reparação do dano causado, e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há: valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos; previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades; definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado), nas resoluções citadas.

Se o (a) Sr. (a) aceitar participar da pesquisa, encontrará espaços de fala, reflexão e escuta, bem como o conhecimento de estratégias semelhantes e diferentes das que utiliza no enfrentamento da sua realidade. Ressalta-se também que participar da pesquisa, contribuir e ser reconhecido como um agente fundamental no avanço do conhecimento de

uma realidade da qual é detentor e protagonista, é um reconhecimento importante que fortalece o sujeito. Além do mais, sua participação contribuirá para uma reflexão sobre a realidade vivenciada por diferentes pessoas em suas vivências de escolarização no contexto amazônico, bem como possibilitará a visibilidade de suas formas de enfrentamento às adversidades no atual cenário sociocultural, ampliando, assim, a produção científica e a formação de profissionais capazes de responder aos desafios educacionais específicos da região Amazônica.

Por fim, caso necessite, é possível entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 33055130/ (92) 3305-1181/ ramal 2004, e-mail: cep.ufam@gmail.com.

Obrigada pela sua ajuda.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração e entendi a explicação, portanto, concordo em participar do projeto de pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso me retirar quando quiser. Estou recebendo uma via deste documento, assinada, comprometendo-me de guardá-la.

_____	___/___/___
Assinatura do participante	Data
_____	___/___/___
Pesquisador responsável	Data
_____	___/___/___
Assinatura da orientadora	Data

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônicas

Pesquisador: Iolete Ribeiro da Silva

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 15366619.1.1001.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.082.840

Apresentação do Projeto:

O Projeto de Cooperação Acadêmica entre UFAM-UnB-UNIR tem o objetivo de contribuir para o fortalecimento dos programas de pós-graduação na região amazônica, PPGPSI/UFAM e MAPSI/UNIR e a consolidação da colaboração científica entre as equipes, tendo por referência os estudos voltados aos processos de desenvolvimento humano e educação em contextos socioculturais específicos, na região amazônica brasileira. A interação científico-acadêmica com a UnB será uma ação importante para a construção de uma rede de cooperação entre essas universidades, para a criação de novas linhas de pesquisa e para o processo de internacionalização. A rede de cooperação constituída na área de Psicologia a partir da UFAM, UNIR e UnB, promoverá intercâmbio de ensino e pesquisa e a mobilidade de docentes e discentes, a fim de aprofundar os estudos de forma cooperativa e contribuir para ampliar a formação de recursos humanos e produção científico-acadêmica de alto nível que tem como foco a realidade regional do Norte do Brasil. A cooperação entre os três programas de pós-graduação em psicologia, fortalecerá a articulação existente entre pesquisadores que atuam na Amazônia com povos amazônicos, com a diversidade étnico-racial e suas implicações, a fim de dar visibilidade qualificada desta realidade em nível nacional e internacional. O PPGPSI/UFAM, atualmente é constituído por duas linhas de pesquisa e almeja com este PROCAD a ampliação da pesquisa e da produção intelectual a fim de melhorar seu desempenho na avaliação da CAPES, criar um periódico e credenciar o doutorado em psicologia a partir do desenvolvimento de sua potencialidade

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

acadêmica na temática assumida neste projeto. Considerando que a psicologia enquanto campo de conhecimento pode produzir subsídios para a construção de políticas educacionais inclusivas que considerem as dimensões socioculturais e o reconhecimento das culturas e formas de viver em comunidades tradicionais da Região Amazônica/Norte apresenta-se esta proposta de trabalho. O objetivo geral desta colaboração é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. Os objetivos específicos são: identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade; entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização; identificar nas narrativas dos estudantes se e como os professores contribuíram para a promoção da inclusão escolar; analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano. O campo de pesquisa da Equipe Proponente abrangerá três campi da Universidade Federal do Amazonas: (1) Campus Manaus localizado na capital do estado; (2) Campus Humaitá: no Instituto de Educação, Agricultura e Meio Ambiente que fica na região sul do estado do Amazonas; e (3) Campus Benjamin Constant: no Instituto Natureza e Cultura de Benjamin Constant situado na região do Alto Solimões na tríplice fronteira. O campo de pesquisa da equipe Associada 2 abrangerá três campi da Universidade Federal de Rondônia, a saber: a) cursos do campus de Porto Velho; b) curso de Licenciatura em Educação Intercultural do campus de Ji-Paraná; c) Licenciatura em Educação do Campo Campus de Rolim de Moura. Serão participantes da pesquisa estudantes da UFAM e UNIR. Serão utilizados três recortes para a análise dos significados atribuídos às trajetórias de escolarização e das condições de acesso: (1) políticas educacionais; (2) comunidade de pertencimento; (3) gênero. Será realizada uma pesquisa longitudinal em duas etapas com um intervalo de um ano. Para a construção de dados serão realizados os seguintes procedimentos: entrevista em grupo focal; entrevista individual - narrativa aberta, entrevista semiestruturada, entrevista mediada por imagens ou objetos individuais e entrevistas móveis. O mesmo grupo de estudantes será entrevistado na primeira e na segunda etapa do estudo a fim de permitir a identificação de mudanças lineares na transição e algumas mudanças descontínuas. O uso de diferentes ferramentas de análise permitirá: descrever e definir o contexto de significação em diferentes níveis; avançar na compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem atuantes na interpretação dos estudantes individualmente e em grupo. A análise dos dados será feita a partir de diferentes métodos: interpretativo, dialógico-

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

temático, análise do discurso e microgenético, visando o aprofundamento da compreensão dos processos de desenvolvimento em narrativas e argumentações dos estudantes. Na primeira etapa serão analisadas as informações empíricas obtidas nos grupos focais e nas entrevistas individuais em cada localidade (estudo 1), depois será elaborada análise do conjunto de dados (estudo 2). Na segunda etapa, repetir-se-á os mesmos procedimentos de análise realizados na primeira etapa (estudos 3 e 4), em seguida, haverá o desenvolvimento da análise longitudinal com identificação no conjunto (estudo 5). Busca-se avançar na compreensão das possíveis descontinuidades e rupturas que marcam a transição para a vida adulta, o que implica compreender os jovens estudantes como pertencentes a um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos em um momento de desenvolvimento na vida, e também como atuantes em um conjunto social com atributos e práticas culturais situados que enfrenta mudanças diversificadas, diferenciadas no contexto atual e constituído por gerações anteriores que ora produzem as condições de socialização e desenvolvimento mediadas pelas políticas públicas e por culturas locais, considerando-se a suposição básica de que mudando-se os instrumentos mediadores nas condições de socialização, como as atividades são produzidas e resolvidas, transformam-se os processos de consciência e as condições de desenvolvimento em que as tomadas de decisão dos jovens são forjadas.

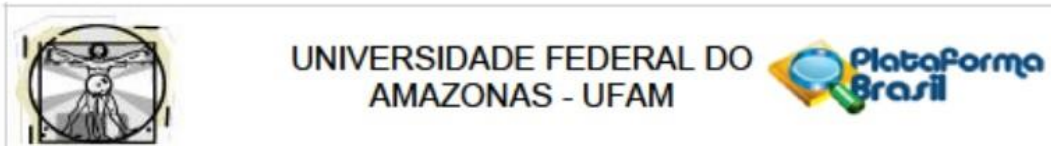
Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: O objetivo geral deste projeto é analisar como as/os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior, sua participação e protagonismo e o quanto a universidade responde as suas demandas, em narrativas e argumentações, a partir de sua inscrição sócio institucional. **Objetivo Secundário:** Os objetivos específicos são:- identificar espaços de participação das/dos estudantes identificando elementos que promovem ou impedem a permanência na universidade;- entender de que forma os estudantes significam sua trajetória de escolarização;- identificar nas narrativas das/os estudantes se e como as/os professoras/es contribuíram para a promoção da inclusão escolar;- analisar as mudanças (lineares) e transformações (descontínuas) nas vivências escolares dos estudantes a partir de estudo longitudinal desenvolvido em duas etapas com intervalo de um ano; analisar as inter-relações da produção de si com a continuidade da educação e do trabalho mediados por novas tecnologias durante a pandemia do COVID-19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: As narrativas de transição que envolvem relatos de experiências pessoais, podem implicar em dificuldades, mas a princípio, nossa experiência e de colegas no mundo inteiro indica que não

Endereço: Rua Teresina, 495	CEP: 69.057-070
Bairro: Adrianópolis	
UF: AM	Município: MANAUS
Telefone: (92)3305-1181	E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

há maiores riscos aos participantes. No entanto, tomaremos o cuidado de finalizar o estudo com participantes que demonstrem que estão tendo dificuldades em contar suas experiências e também informaremos aos participantes que poderão desistir da participação em qualquer momento do estudo. Também tomaremos cuidado quanto ao processo de transcrição, visto que alguns relatos podem expor eventos traumáticos, vamos recorrer a transcritores com treinamento específico em psicologia e áreas de saúde e nos assegurar que o relato foi apagado no computador do transcritor e as cópias sejam guardadas em segurança. O projeto será desenvolvido com base nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12, e atenderá as exigências éticas e científicas fundamentais: Comitê de Ética e Pesquisa, TCLE, confidencialidade e a privacidade dos dados. Para tanto, caso ocorra constrangimento ou desconforto durante o desenvolvimento da pesquisa aos participantes, as/os pesquisadoras/es, enquanto psicólogas/os, suspenderão a aplicação dos instrumentos de coleta de dados conforme explicitado acima e realizarão acolhimento e se necessário encaminhamento para o setor psicossocial da universidade, visando o bem-estar dos mesmos. Cumpre esclarecer que a pesquisa, através da instituição que a acolhe, garantirá indenização aos participantes (cobertura material), em reparação a dano imediato ou tardio, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano. Os valores respectivos aos danos serão estimados pela instituição proponente quando os mesmos ocorrerem, uma vez que não há valores pré-estabelecidos de acordo com os riscos, uma vez que não há previsibilidade dos mesmos em seus graus, níveis e intensidades na Resolução em tela e nem na Res. 510/2016, que trata da normatização da pesquisa em ciências humanas e sociais, uma vez que não há definição da gradação do risco (mínimo, baixo, moderado ou elevado).

Benefícios: As informações empíricas produzidas neste projeto científico colaborativo promoverão avanços na compreensão sobre como os estudantes amazônidas significam a sua trajetória de escolarização e vivências no ensino superior e suas transições, em relação também à sua participação e protagonismo. Será possível compreender o quanto a universidade responde as demandas desses jovens e produzir conhecimentos que contribuam para a gestão do ensino aprendizagem na educação superior. No âmbito das instituições, espera-se que os resultados desse estudo possam ser utilizados na organização de protocolos de acolhimento, atendimento e acompanhamento de estudantes com diferentes bases culturais durante sua estadia na universidade e, por exemplo, fomentando o protagonismo estudantil, com a valorização das

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

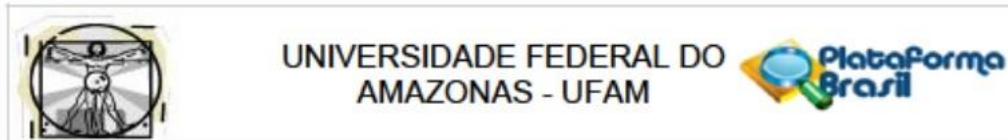
UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

riquezas regionais e da utilização sustentável dos recursos naturais, para desenvolvimento socioeconômico e cultural comprometido com as urgências da sociedade local ao fomentar uma formação científica sensível às demandas regionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não se aplica.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto, anuências, instrumentos e análise de dados da pesquisa, abordagem e recrutamento dos sujeitos participantes, critérios de inclusão e exclusão, riscos e benefícios, TCLE, fundamentações teóricas e metodológicas estão todos adequados e em conformidade com as resoluções 466/12 e 510/16.

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de um projeto já apresentado e aprovado por este CEP. Foi incluída uma emenda que detalha todas as inclusões e alterações, devidamente pontuadas e justificadas. Por atender às exigências das resoluções 466/12 e 510/16, a emenda apresentada está aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1570125_E1.pdf	03/08/2020 00:10:21		Aceito
Outros	Emenda_com_alteracoes_e_justificativas.pdf	02/08/2020 23:58:57	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Novo_para_Professores.pdf	02/08/2020 23:58:24	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_novo_para_estudantes.pdf	02/08/2020 23:55:53	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	21/08/2019 03:01:23	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

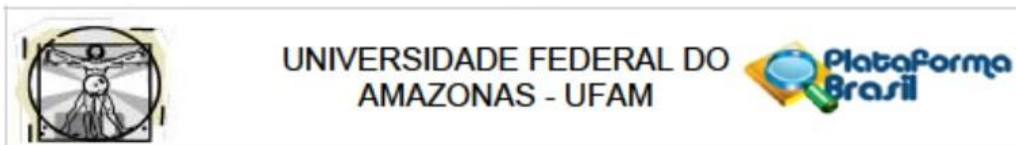
UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

Município: MANAUS

E-mail: cep.ufam@gmail.com



Continuação do Parecer: 4.082.840

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_alterada.pdf	21/06/2019 02:48:26	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Estudanes_PROCAD.pdf	07/06/2019 17:26:27	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Roteiro_Basico_do_Projeto_PROCAD.pdf	07/06/2019 14:39:09	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito
Outros	TERMOS_DE_ANUENCIA_E_CONCORDANCIA_INSTITUCIONAL.pdf	07/06/2019 14:30:41	Iolete Ribeiro da Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 10 de Junho de 2020

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com